

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LETÍCIA PEREIRA COSTA

**A MEDIAÇÃO SIMBÓLICA E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA
LINGUAGEM:** um estudo inicial na obra de Vigotski

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Letícia Pereira Costa

Título do trabalho: A mediação simbólica e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem: um estudo inicial na obra de Vigotski

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Vieira Santos, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 09:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leticia Pereira Costa, Discente**, em 02/03/2023, às 07:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_confirir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3555852** e o código CRC **7D2B2635**.

Letícia Pereira Costa

A MEDIAÇÃO SIMBÓLICA E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM: um estudo inicial na obra de Vigotski

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof. Dra. Soraya Vieira Santos

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Leticia Pereira

A mediação simbólica e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem [manuscrito] : um estudo inicial na obra de Vigotski / Leticia Pereira Costa. - 2023.

49 f.

Orientador: Prof. Soraya Vieira Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

Inclui siglas.

1. Mediação. 2. Pensamento e linguagem. 3. Lev S. Vygotsky. 4. Psicologia histórico-cultural. I. Santos, Soraya Vieira, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 28 dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A mediação simbólica e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem: um estudo inicial na obra de Vigotski", de autoria de Letícia Pereira Costa, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Prof. Dra. Soraya Vieira Santos – orientadora (FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: profa. Dra. Alessandra Oliveira Machado Vieira (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Vieira Santos, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Oliveira Machado Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Letícia Pereira Costa, Discente**, em 02/03/2023, às 07:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_confirir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3555721** e o código CRC **AC5768AE**.

Referência: Processo nº 23070.005422/2023-48

SEI nº 3555721

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo e à Maria Santíssima, agradeço por todas as bênçãos recebidas. Aos meus pais, Maria e Reinaldo, tão queridos, que em todos os momentos na minha vida incentivaram os meus estudos e contribuíram efetivamente para a minha formação.

Aos meus familiares e amigos, pela força e pelos bons conselhos, que muito me ajudaram a perseverar nos meus estudos.

Agradeço também à minha orientadora, Soraya, pela grande dedicação e paciência no processo de construção deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo explorar na Psicologia histórico-cultural a relevância do processo de mediação simbólica para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, tendo em vista que estes dois elementos têm grande importância para a construção do psiquismo humano. Para esta finalidade, escolheu-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, em que foi realizada a leitura interpretativa e crítica das obras de Vygotsky, em especial, os livros "A Formação Social da Mente" (1991) e "A Construção do Pensamento e da Linguagem" (2001), ademais, foi realizado, também, o estudo de comentadores do autor. Na pesquisa, o conceito de mediação por signos foi investigado e analisado a fim de compreender o desenvolvimento do pensamento e da linguagem na história humana (filogênese) e na história individual (ontogênese). Diante disso, o estudo indica que a mediação simbólica é o que possibilita a interação com o meio sociocultural, de forma que o desenvolvimento psicológico é resultado, sobretudo, das formas culturais internalizadas mediante a apropriação de elementos simbólicos. Ao final deste trabalho, concluiu-se que a linguagem como principal sistema simbólico é essencial para o desenvolvimento do pensamento e subjetividade humana.

Palavras-chave: Mediação; Pensamento e linguagem, Lev S. Vygotsky, Psicologia histórico-cultural.

ABSTRACT

This course completion work aims to discuss and explore the theories of Historical-Cultural Psychology on the relevance of the symbolic mediation process for the development of thought and language, as these two elements are of great importance for the construction of the human psyche. For this purpose, bibliographical research was chosen as a methodology, in which an interpretative and critical reading of Vygotsky's works was carried out, in particular, the books *Formação Social da Mente* (1991) and *A Construção do Pensamento e Linguagem* (2001), moreover, a study of the author's commentators was also carried out. In the research, the concepts of mediation through signs were investigated and analyzed in order to understand the development of thought and language in human history (phylogenesis) and in individual history (ontogenesis). In view of this, we point out that symbolic mediation is what enables interaction with the sociocultural environment, in such a way that psychological development is the result, above all, of cultural forms internalized through the appropriation of symbolic elements. At the end of this work, it was concluded that language as the main symbolic system is essential for the development of thought and human subjectivity.

Keywords: Mediation, Thought and language, Lev S. Vygotsky, Historical-cultural psychology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CAPÍTULO I - O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO: CONCEITOS INICIAIS.....	15
2.1	O contexto da abordagem de Vygotsky.....	15
2.2	O processo de humanização: mediação por instrumentos e signos.....	20
3	CAPÍTULO II - AS RELAÇÕES ENTRE PENSAMENTO E LINGUAGEM.....	29
3.1	Histórico das pesquisas sobre Pensamento e Linguagem.....	29
3.2	Origem do Pensamento e da Linguagem.....	32
3.3	A mediação simbólica no processo de associação entre pensamento e linguagem.....	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho de conclusão de curso intitulado “*A mediação simbólica e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem: um estudo inicial na obra de Vigotski*” surgiu a partir das implicações da linguagem que se observaram no Ensino Fundamental e Educação Infantil, vivenciados, ao decorrer do curso de Pedagogia, nos estágios obrigatórios. Ademais, a partir conexão entre teoria e prática possibilitada nas minha experiência profissional na Educação Infantil, em instituição pública, foram observadas situações que remontam às teorias e que explicam o desenvolvimento da linguagem na Infância, ao se perceber como as crianças se apropriam da linguagem na interação com os professores e com outras crianças. Portanto, dessas observações surgiu um interesse para entender os conceitos, análises e discussões realizadas no campo teórico sobre a temática.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é compreender a interação social como aspecto relevante e indispensável para o processo de construção do pensamento e da linguagem da criança, entendendo que este processo necessita da mediação com o meio sociocultural, por meio dos instrumentos e signos, elementos da relação do ser humano com o mundo.

Para os objetivos específicos, elegemos: Compreender o processo de internalização e humanização que se dá na combinação dos elementos mediadores (instrumentos e signos) entre homem e o mundo físico e cultural, e como este processo possibilita o desenvolvimento psíquico do ser humano; discutir a origem e as relações entre pensamento e linguagem, explicando o processo de desenvolvimento da fala e da inteligência e como ocorrem pela internalização das experiências vividas nas relações socioculturais.

A justificativa desta pesquisa está fundamentada na relevância do tema escolhido que se apoia, em primeiro lugar, na relação entre pensamento e linguagem como objeto mais importante a ser pesquisado na Psicologia, segundo Vygotsky (2001), de maneira que as explicações a respeito de outros temas se subordinam. Para o autor, trata-se antes de tudo de uma relação entre pensamento e palavra, que se coloca como um problema discutido desde a Antiguidade, porém com poucas conclusões, pois a questão sempre foi alicerçada ou na compreensão fragmentada e isolada das funções psicológicas, ou na total fusão entre elas (VYGOTSKY, 2001).

Em segundo lugar, o tema é de tal modo importante pois é através da interlocução com os outros seres humanos que nos apropriamos da linguagem ainda nos primeiros anos de vida. Assim, sendo a infância essa etapa da vida humana de maior relevância para o desenvolvimento da linguagem, o presente trabalho tem como foco teórico a compreensão de como a criança desenvolve o pensamento e a linguagem no contexto sociocultural.

Diante disso, procura-se problematizar as informações contidas em algumas obras de Vygotsky com a finalidade de entender como as relações sociais entre os indivíduos no meio social e cultural, e como as funções psicológicas superiores, como elemento psicológico propriamente humano, possibilitam o desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Conforme Luria afirma:

As origens do pensamento abstrato e do comportamento categorial. Em que provocam um salto do sensorial ao racional, devem ser buscadas nem dentro da consciência nem dentro do cérebro, mas sim fora, nas formas sociais da experiência histórica do homem. (LURIA, 1986, p. 22).

Para isso, a metodologia adotada para a pesquisa foi o estudo de caráter qualitativo e tipo bibliográfico, no qual foi realizada a busca das informações acerca da temática nos referenciais teóricos da Psicologia Histórico-Cultural sobre a construção do pensamento e linguagem, para a partir da leitura interpretativa e crítica, investigar e analisar os conceitos com o fim de responder ao problema de pesquisa.

Portanto, este trabalho tem como principal fundamentação teórica as obras de Vygotsky, "A Formação Social da Mente" (1991) e "A Construção do Pensamento e da Linguagem" (2001). Estas obras foram escolhidas tendo em vista que o autor fez diversas contribuições à compreensão das relações entre pensamento e linguagem no desenvolvimento infantil segundo uma perspectiva que compreende a interação como base para esse desenvolvimento.

Através da leitura e interpretação, por conseguinte, buscou-se entender as categorias no que diz respeito às origens e desenvolvimento do pensamento e linguagem, analisando conceitos-chave como funções psicológicas superiores; pensamento pré-linguístico e linguagem pré-intelectual; mediação instrumental e simbólica; internalização; fala socializada, egocêntrica e interior; e pensamento verbal. Deste modo, o trabalho se divide em dois capítulos, o primeiro trata da ideia

de interação e apresenta o processo de humanização. O segundo busca apresentar as principais questões sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

2 CAPÍTULO I - O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO: CONCEITOS INICIAIS

Neste primeiro capítulo serão abordados os aspectos iniciais da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. Assim, primeiramente faz-se uma contextualização do autor e de sua obra e, a partir disso, são apresentados os principais conceitos que alicerçam esta teoria: a categoria trabalho, humanização, funções psicológicas superiores, mediação e internalização.

2.1 O CONTEXTO DA ABORDAGEM DE VYGOTSKY

Lev Semenovich Vygotsky é um psicólogo russo que nasceu em Orsha, próximo a Minsk, capital de Bielarus, país da antiga União Soviética, em 17 de novembro de 1896. De família judia, ele conviveu grande parte de sua vida com seus familiares, tinha 8 irmãos.

O gosto pelos estudos surgiu no ambiente familiar, onde os pais e filhos falavam sobre diversos temas, se reuniam para leitura e a biblioteca da família era de livre acesso para as crianças. O percurso intelectual de Vygotsky inicia desde a escola, onde se destacou por ser um aluno dedicado. Ao ingressar no curso de medicina, Vygotski não completa nem um mês de estudos, e opta por transferir-se para o curso de direito, na Universidade de Moscou (M. K. OLIVEIRA, 1993).

Interessou-se por diversos conhecimentos: literatura, linguagem, biologia, ciências sociais, filosofia, educação. Portanto, foi um estudioso com um conhecimento amplo e não sendo estrito em um aspecto. É nesse sentido, que ele busca entender a construção do conhecimento pelo ser humano, o entendendo a partir das diferentes abordagens feitas pelas ciências (M. K. OLIVEIRA, 1993).

Vygotsky estudou e trabalhou em suas pesquisas em um contexto importante para a história e política da Rússia, vivenciou um momento de grandes conflitos políticos que desencadearam na Revolução Russa (REGO, 1995).

De acordo com Rego (1995) seus principais colaboradores foram: Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Alexei Nikolaievich Leontiev (1904-1979), que juntos construíram um grupo denominado Troika. Neste período Vygotsky escreveu alguns importantes trabalhos, dentre eles: Os princípios da educação social de crianças surdas-mudas (1925), Estudos sobre a história do comportamento (escrito juntamente com Luria) (1930), O instrumento e o símbolo no desenvolvimento das crianças (1930), A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores

(1931), Lições de psicologia (1932), Fundamentos da Pedagogia (1934), Pensamento e Linguagem (1934), Desenvolvimento mental da criança durante a educação (1935) e A criança retardada (1935).

Em 1934, Vygotsky morreu após sofrer complicações causadas pela tuberculose. Atualmente Vygotsky não é somente referência para a Psicologia, mas para outras áreas das ciências humanas, em especial para a pedagogia e para outros cursos de licenciatura, em que é amplamente estudado, por ser um autor que abordou o desenvolvimento psíquico humano, assim, está presente no campo da psicologia da educação e na educação como um todo. Além disso, sua teoria fundamenta a prática pedagógica de muitas instituições educacionais, sendo citado em projetos político-pedagógicos de diversas escolas.

Os principais conceitos desenvolvidos por ele e que se constituem fundamentos do seu pensamento, podem ser assim resumidos: “As funções psicológicas têm um suporte biológico pois são produtos da atividade cerebral; O funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico; A relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos” (M. K. OLIVEIRA, 1993, pg. 23).

Ou seja, o fundamento das teorias de Vygotsky se assenta na seguinte na compreensão do homem: “o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e ser social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico” (M. K. OLIVEIRA, 1993, pg. 23). Nesse sentido, Vygotsky compreendia a importância da interação humana para formação psíquica.

Durante seu tempo de vida, Vygotsky estudou diversas teorias sobre o processo de construção da *psique* humana. Estudou amplamente as perspectivas inatistas e comportamentalistas, buscando construir juntamente com seus colaboradores uma nova psicologia, conforme descreve M. K. Oliveira (1993):

Vygotsky, Luria e Leontiev faziam parte de um grupo de jovens intelectuais da Rússia pós-Revolução, que trabalhava num clima de grande idealismo e efervescência intelectual. Baseados na crença da emergência de uma nova sociedade, seu objetivo mais amplo era a busca do “novo”, de uma ligação entre a produção científica e o regime social recém-implantado. Mais especificamente, buscavam a construção de uma “nova psicologia”, que consistisse numa síntese entre duas fortes tendências presentes na psicologia do início do século. (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 22).

Esta nova psicologia tinha o intuito de superar o reducionismo das teorias anteriores, já que no histórico das abordagens psicológicas predominavam duas noções a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem, em que diversos autores atribuíram ao desenvolvimento ou à aprendizagem uma preponderância de um sobre o outro. No fundamentos destas teorias sempre havia uma concepção de como o homem interage com o meio e como é afetado por ele, ou seja como os fatores biológicos ou ambientais têm influência sobre formação psicológica dos seres humanos (SILVEIRA, 2014).

As teorias inatistas e idealistas consideravam que o meio tem pouca interferência sobre o sujeito e que são as ideias que criam a realidade, conforme autores idealistas, tais como Descartes e Hegel. Compreendem que sobre o processo de aprendizagem, o desenvolvimento tem um papel determinante, isto é, conforme a maturação biológica ocorre é que o indivíduo constrói suas ideias e seu comportamento. Este aspecto biológico se desenvolve mediante a maturação sem ser relevante para a aprendizagem dos aspectos exteriores; os fatores externos só servem para fazer surgir o que já está pré-disposto.

Já os behavioristas, como Skinner, baseando-se no empirismo de Locke, postularam teorias que afirmam que a formação da *psique* humana é resultado de contínuos estímulos que o meio produz no indivíduo. Consideram como fundamentais para o processo de formação psíquica os fatores externos que estimulam o sujeito a fim de que dê uma resposta a um estímulo, ou seja, entendem que a aprendizagem só é possível por meio de estímulos induzidos pelo ambiente. Estas teorias afirmam que o desenvolvimento psicológico depende unicamente dos fatores exógenos.

Portanto, discutir sobre desenvolvimento e aprendizagem significa falar sobre como os seres humanos são afetados pelas transformações interiores e exteriores. Deste modo, alguns autores, não satisfeitos com o reducionismo destas teorias, buscaram realizar pesquisas e coletas de dados experimentais a fim de compreender melhor este processo, e se baseando nas teorias filosóficas mais atuais entenderam que o desenvolvimento e a aprendizagem são elementos indissociáveis e que, portanto, a construção do conhecimento se dá tanto por aspectos maturacionais quanto de aprendizagem social.

Segundo Soares (2006, p. 2) “Na psicologia do desenvolvimento, o interacionismo ofereceu muitas respostas às lacunas deixadas pelas teorias

comportamentais e inatistas, ao partir do pressuposto de que o sujeito interage ativamente com o meio e que este modifica aquele em função de sua ação.”

Dentro desta corrente de pensamento interacionista, encontra-se Vygotsky que se dedicou aos estudos sobre a origem e desenvolvimento da *psique* humana, em especial discorreu sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, compreendendo que a relação estabelecida é dialética, isto é, que são duas realidades dinâmicas existentes na mente. Rego (1995) descreve a visão de Vygotsky a respeito das outras teorias:

Vygotsky entendia que ambas tendências, além de não possibilitarem a fundamentação necessária para a construção de uma teoria consistente sobre os processos psicológicos tipicamente humanos, acabaram promovendo uma séria crise na psicologia. Ao mesmo tempo que tecia críticas contundentes às correntes idealista e mecanicista, buscava a superação desta situação através da aplicação dos métodos e princípios do materialismo dialético, para a compreensão do aspecto intelectual humano (REGO, 1995, p. 28).

Portanto, para Vygotsky, as teorias inatistas e ambientalistas apresentaram inconsistências ao se reduzirem a um aspecto. O campo de estudo dedicado à compreensão do desenvolvimento e aprendizagem busca o papel da interação com a sociedade e a cultura no processo de aquisição de conhecimento e formação da subjetividade.

Para isso, Vygotsky juntamente com seus colaboradores, Leontiev e Luria, buscou estabelecer novas bases para a Psicologia, tendo vista uma psicologia que compreendesse principalmente as relações entre sujeitos no processo de construção do mundo psíquico do homem, entendendo que o desenvolvimento psíquico se dá no processo histórico humano em que se aprende ao se apropriar dos conhecimentos produzidos ao longo da história, conforme salienta Joenk (2007):

A teoria histórico-cultural do psiquismo, também conhecida como abordagem sócio interacionista, elaborada por Vygotsky, tem como objetivo central caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento, elaborando hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo. (JOENK, 2007, p. 2).

Portanto, as teorias de Vygotsky se encontram na perspectiva sócio-cultural e se assentam sobre um pressuposto básico que é a ideia de que o “ser humano

constitui-se como tal na sua relação com o outro social” (LA TAILLE et al, 1992, p. 24).

Para Vygotsky, o desenvolvimento psicológico é resultado da maturação biológica também, mas mais do que isso é consequência da assimilação da cultura ocorrida no processo de intercâmbio de conhecimentos que continuamente existe entre indivíduos desde o primeiro ano de vida. Desta maneira, o autor compreende que o comportamento humano tem origem na história e cultura e nos processos elementares biológicos, segundo Rego (1995):

Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da *interação dialética* do homem e seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.(REGO, 1995, p. 41, grifo do autor).

Portanto, para Vygotsky, a origem e desenvolvimento do psiquismo humano não é somente natural e biológico, mas sobretudo social e histórica, pois é nas relações estabelecidas no decorrer da história e na modificação da natureza pelo homem, isto é no trabalho, que há estruturação das formas do comportamento e da *psique* humana, quando os indivíduos se apropriam dos elementos culturais. Para V. M. Oliveira (2002, p. 101), “Segundo Vygotsky a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana”.

Nesse sentido, para o psicólogo russo, a *psique* humana é uma construção social em que o ser humano é construído à medida que se relaciona dialeticamente com meio histórico e social, pois transforma o ambiente e nesse processo também é transformado, ao se apropriar de tudo que está envolvido no processo do trabalho.

Deste modo, as teorias descritas acima consideravam somente a interação direta do sujeito com meio, seja de fora para dentro ou de dentro para fora. Mas o que o autor propõe discutir e investigar e que trataremos a seguir é a respeito das relações mediadas, em que homem interage com meio, principalmente com outros sujeitos. Esta interação é indireta, isto é, necessita de meios para que o ser humano se relacione com o meio natural e social. Este meios surgem principalmente no processo de trabalho em que o homem atua no mundo, para a modificação do espaço natural (instrumentos) e para interação com mundo cultural e formação intrapsicológica (signos), processo do qual falaremos a seguir.

2.2 O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO: MEDIAÇÃO POR INSTRUMENTOS E SIGNOS

O processo de humanização ocorre principalmente por meio do trabalho, que é uma atividade especificamente humana, na qual ao se apropriar da natureza, os homens a transformam e transformam a si mesmos. Enquanto os animais agem por instinto sobre o meio, o ser humano transforma a natureza de modo intencional. No trabalho, o homem transforma a natureza e assim constrói sua subjetividade: transforma o tempo, o espaço, a sociedade, isto é, transforma a si mesmo, produzindo cultura:

O homem é um ser natural, isto é, um ser que faz parte integrante da natureza; não se poderia conceber o conjunto da natureza sem nela inserir a espécie humana. Ao mesmo tempo em que se constitui em ser natural, o homem diferencia-se da natureza, que é o corpo inorgânico do homem; para sobreviver, ele precisa com ela se relacionar, já que dela provêm as condições que lhe permitem se perpetuar enquanto espécie. Não se pode, portanto, conceber o homem sem a natureza, e nem a natureza sem o homem. (ANDERY, 2012, p. 9).

Deste modo, a categoria trabalho é de grande importância para o estudo de Vygotsky, pois, para o autor, a origem e desenvolvimento do psiquismo humano não é somente natural e biológico, mas sobretudo social e histórica. Para ele, é nas relações estabelecidas no decorrer da história e na modificação da natureza pelo homem, isto é no trabalho, que há estruturação das formas do comportamento e da psique humana, quando os indivíduos se apropriam dos elementos culturais, conforme disserta Bock et al (2001) sobre as características da psicologia vigotskiana:

[...] • Todos os fenômenos devem ser estudados como processos em permanente movimento e transformação. • O homem constitui-se e se transforma ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos. • Não se pode construir qualquer conhecimento a partir do aparente, pois não se captam as determinações que são constitutivas do objeto. Ao contrário, é preciso rastrear a evolução dos fenômenos, pois estão em sua gênese e em seu movimento as explicações para sua aparência atual. • A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, pg. 87).

Ademais, mediante o trabalho o ser humano é capaz de materializar sua subjetividade e pensamentos, ou seja, transformando a matéria o ser humano

transforma a si mesmo. Por conseguinte, o trabalho é um elemento de grande importância pois define-se como a capacidade de intervenção do homem sobre a natureza, cujo objetivo é a construção de um mundo concreto para a sua auto realização (ANDERY, 2012).

Nesse sentido, diferentemente dos animais, que fazem o que está biologicamente determinado, o ser humano age na natureza pensando e planejando antecipadamente para atingir um fim específico. Neste processo, a cada interação com o meio, surgem novas ideias e formas de ação, que são transmitidas para os outros sujeitos, na interação com outros indivíduos humanos. Assim, o trabalho também propicia a interação com os demais seres humanos (ANDERY, 2012).

Deste modo, o trabalho possibilita uma interação que é dupla, tanto a interação entre homem e natureza, quanto a interação entre seres humanos. Em ambos os aspectos em que o homem interage com a natureza e interage com os outros, segundo Vygotsky (1991), essa relação não é direta, mas mediada, pois a interação do homem com o meio físico e cultural ocorre por meio de elementos mediadores chamados de instrumentos e signos. Segundo M. K. Oliveira: “Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 26).

Os instrumentos são elementos mediadores externos que fazem o homem interagir com o mundo concreto, por meio do trabalho; os símbolos, elementos da linguagem, são meios que tornam possível aos indivíduos interagirem uns com os outros. Ou seja, os instrumentos são operações externas ao passo que os signos são operações internas, conforme explica Vygotsky (1991):

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY, 1991, p. 38).

Portanto, a mediação é, segundo Vygotsky, uma atividade indireta no qual o ser interage com o ambiente por meio de instrumentos e signos. Os instrumentos são elementos que fazem a mediação do homem com o meio natural, são usados para a transformação do ambiente. Estes instrumentos são voltados para ação

externa do homem, foram evoluindo ao longo da história humana e sendo cada vez mais aprimorados.

Os animais também produzem instrumentos, todavia, os instrumentos humanos se distinguem pelo fato de serem elaborados para um objetivo específico, carregando consigo a função para a qual foram feitos, além do modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho, sendo, portanto, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo (M. K. OLIVEIRA, 1993).

Vygotsky (1991) entende que o uso de instrumento especificamente humano compreende ação e reflexão, a ideia e a materialidade, como elementos dialéticos, por isso, o trabalho produtivo se dá no uso de instrumento de forma especificamente humana, que difere dos animais, pois o ser humano controla e modifica o meio ao seu redor mediante o uso de instrumentos e símbolos. Este trabalho produtivo se dá a cada momento em que o ser humano intervém nos objetos e ambientes em sua volta, é uma intervenção totalmente diferente da dos animais, pois possui um elemento significativo que é a reflexão.

Já os signos são elementos mediadores pelos quais os homens formam suas ideias e comportamentos, são usados para a compreensão do mundo, estão orientados para o mundo psicológico humano, portanto é por estes meios que o ser humano amplia sua compreensão do mundo e transmite a cultura humana aos outros, os signos possibilitam ao homem realizar compreensão, comparação, representações entre outras atividades psicológicas.

Assim, M. K. Oliveira (1993) exemplifica a respeito dos signos:

São inúmeras as formas de utilizar signos como instrumentos que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas. Fazer uma lista de compras por escrito, utilizar um mapa para encontrar determinado local, fazer um diagrama para orientar a construção de um objeto, dar um nó num lenço para não esquecer um compromisso são apenas exemplos de como constantemente recorremos à mediação de vários tipos de signos para melhorar nossas possibilidades de armazenamento de informações e de controle da ação psicológica. (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 31)

É nesta interação mediada por meio dos signos que o homem se apropria do saber humano produzido historicamente e este saber forma o homem e seu comportamento. Desta forma, segundo Joenk (2007): “Inicialmente os signos aparecem como marcas externas, que fornecem um suporte concreto para a ação do homem no mundo. Aos poucos, a utilização de marcas externas vai se transformando em processos internos de mediação.” Portanto, por meio dos signos

que representam a realidade, o indivíduo absorve as formas culturais e assim se forma como ser humano, no processo de humanização. Estes símbolos são criados por grupos culturais ao longo da história, de tal forma se aprimoram e evoluem constantemente e mudam de acordo com o contexto histórico, social e geográfico. Os signos, portanto, comportam um significado compartilhado pelos membros de determinada cultura e a linguagem é a base do uso de signos, pois a língua possui maior número de signos e de formas mais complexas, conforme descreve M. K. Oliveira:

Ao longo da história da espécie humana — onde o surgimento do trabalho propicia o desenvolvimento da atividade coletiva, das relações sociais e do uso de instrumentos — as representações da realidade têm se articulado em sistemas simbólicos. Isto é, os signos não se mantêm como marcas externas isoladas, referentes a objetos avulsos, nem como símbolos usados por indivíduos particulares. Passam a ser signos compartilhados pelo conjunto dos membros do grupo social, permitindo a comunicação entre os indivíduos e o aprimoramento da interação social. Quando um indivíduo aprende, por exemplo, o significado de “ cavalo” , esse conceito, internalizado pelo indivíduo e compartilhado pelos outros usuários da língua portuguesa, passa a ser uma representação mental que serve como signo mediador na sua compreensão do mundo. Se alguém lhe contar uma história sobre um cavalo, o indivíduo não necessitará do contato direto com esse animal para lidar mentalmente com ele, para compreender a história (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 36).

Por meio da interação com os outros seres humanos, portanto, o ser humano se modifica, porque quando compreende um signo passa a agir no meio cultural e social por meio deles. Desse modo, a formação das funções superiores se dá no processo de internalização, da interiorização das marcas externas que são signos, o ser humano internaliza as ideias e comportamentos propriamente humanos imersos no ambiente cultural, desta internalização surgem as funções psicológicas superiores, quando há transformação da atividade externa do ser humano em atividade interna:

Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais. O indivíduo deixa, portanto de se basear em signos externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (imagens, representações mentais, conceitos etc.). (REGO, 1995, p. 62).

Nesta perspectiva, as estruturas psicológicas propriamente humanas, que são uma construção histórica e cultural, são desenvolvidas e somente ocorrem

quando o homem interage com outro, são chamadas de funções psicológicas superiores conforme explica Luria:

As funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação dos fatores biológicos, que são parte da constituição física do Homo sapiens, com fatores culturais que evoluíram através de dezenas de milhares de anos de história humana. (LURIA, 1992, p. 60).

Por conseguinte, a atividade psicológica tem uma base natural e biológica que foi aperfeiçoada e alcançada com a evolução da espécie, mas é resultado muito mais ainda da assimilação que o indivíduo faz dos processos, formas e conhecimentos culturais historicamente construídos no decorrer da história, e que significam elementos que dão ao ser humano a possibilidade de ser o que ele é, então no processo de contato com a cultura o indivíduo se humaniza, pois se apropria do que é especificamente humano.

Todavia, muitos estudiosos, segundo Vygotsky, têm descrito a psicologia humana conforme uma concepção que considera apenas os aspectos biológicos e a inteligência prática que, no homem, por vezes é similar a alguns animais mais evoluídos. Estas são concepções advindas dos estudos comparam o comportamento humano ao dos animais sem, contudo, explicar os processos mais complexos envolvidos, como o das funções psicológicas superiores, que são conforme explica Joenk (2007): “Vygotsky dedicou-se ao estudo das Funções Mentais Superiores – ou Funções Psicológicas Superiores – enquanto ações mediadas, isto é, ações construídas nas relações que os seres humanos mantêm entre si e com a natureza.”

As funções psicológicas superiores são distintas das inferiores, pois são ações feitas conscientemente e de forma voluntária, enquanto as inferiores são comum aos animais, como a atenção e a memória involuntárias; já as funções superiores são próprias dos humanos, seres racionais:

Ele chamou de funções mentais superiores aos processos tipicamente humanos como: memória, atenção e lembrança voluntária, memorização ativa, imaginação, capacidade de planejar, estabelecer relações, ação intencional, desenvolvimento da vontade, elaboração conceitual, uso da linguagem, representação simbólica das ações propositadas, raciocínio dedutivo, pensamento abstrato. (JOENK, 2007, p. 3).

Nesse sentido, as teorias de Vygotsky se encontram na perspectiva sócio-cultural ao compreender que as estruturas psicológicas propriamente

humanas foram construídas ao longo da história e é por meio da interação com a cultura que o ser humano se torna ser humano. Por isso, para ele, a psique humana é uma construção social em que o ser humano é construído à medida que se relaciona dialeticamente com o meio histórico e social, pois transforma o ambiente e nesse processo também é transformado, conforme explica:

Poderíamos dizer, por outro lado, que todas as funções superiores não são produto da biologia, nem da história da filogênese pura, e sim que o próprio mecanismo subjacente nas funções psíquicas superiores é uma cópia do social. Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, e são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda a sua natureza é social [...] (VYGOTSKY, 2000, p. 39)

Conseqüentemente, o pensamento e a linguagem, como principais funções psíquicas superiores, se originam e se desenvolvem pelas relações sociais, em que as experiências na cultura são internalizadas no processo de união do uso de instrumentos e signos desenvolvendo a psicologia humana. Nesse sentido, a construção do sujeito, segundo Vygotsky (1991), se dá no processo de internalização, que consiste na apropriação dos significados que foram produzidos socialmente e historicamente.

Desse modo, as situações e contextos culturais, históricos, políticos e econômicos não só têm relevância para construção da subjetividade, como o indivíduo que constrói a sua subjetividade a partir dessas relações sociais estabelecidas. Nas culturas existem diversos símbolos e signos que representam um elemento da realidade, mas o principal sistema simbólico é a linguagem falada e escrita. Desta forma, a linguagem é um meio pelo qual os sujeitos têm contato com os conhecimentos humanos.

Estes conhecimentos são, então, transmitidos por meio de símbolos que são representações de ideias, objetos, noções e comportamentos e se aprimoram ao longo da história humana:

Na medida em que se desenvolvem qualitativamente as atividades humanas, aprimoram-se os produtos materiais e simbólicos dessas atividades. Esses produtos, por sua vez, irão determinar um grau superior de desenvolvimento humano tanto material quanto psíquico, ou seja, tanto no que se refere aos aspectos objetivos da existência social humana quanto no que diz respeito às aptidões funções psíquicas dos indivíduos. Portanto, essas objetivações representam o próprio desenvolvimento histórico da humanidade, isto é, as marcas de sua evolução. (ROSSLER, 2004, 102 - 103).

O surgimento dos signos como elementos mediadores ocorre quando no trabalho os seres necessitam se comunicar para transmitir o conhecimento. Por isso, signos são elementos necessários para a construção do pensamento e como a linguagem falada e escrita é o sistema simbólico mais complexo, o pensamento e a linguagem estabelecem uma relação importante no processo de formação da psicologia humana.

Deste modo, a linguagem, como signo, é mediadora entre o homem e os objetos, ela tem esta função de possibilitar a interação entre os humanos (função de intercâmbio social) e de organização e acompanhamento do pensamento, “o desenvolvimento da linguagem é, antes de tudo, a história da formação de uma das funções mais importantes do comportamento cultural da criança, que é fundamental na acumulação de sua experiência cultural” (VYGOTSKY, 2000, p. 169).

Em síntese, a mediação é o que possibilita a construção do conhecimento humano, pois é quando o ser humano tem contato com os sistemas simbólicos que têm acesso ao que a humanidade produz e já produziu. Deste modo, os símbolos são esses meios que conectam o homem à cultura e estabelece novas formas de pensar, comunicar e agir no meio cultural e natural à medida que o homem interage com o outro.

Vygotsky dedica particular atenção à questão da linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas. Através da linguagem é possível designar os objetos do mundo exterior (como, por exemplo, a palavra faca que designa um utensílio usado na alimentação), ações (como cortar, andar, ferver), qualidades dos objetos (como nível áspero) e as que se referem às relações entre os objetos (tais como: abaixo, acima, próximo) (REGO, 1995, p. 53).

Por conseguinte, a linguagem é desenvolvida pela interação social e tem um papel importante tanto na organização do pensamento e comportamento humano, assim como também desempenha um papel fundamental para a interação do homem com o meio cultural, pois a linguagem humana é o que permite que o homem compreenda, interfira no meio e seja humanizado.

Deste modo, Vygotsky (2001) entende a importância da linguagem e compreendeu que sem aprendizagens experienciadas na cultura, a criança não irá adquirir linguagem, mesmo tendo um desenvolvimento biológico cerebral íntegro,

pois a linguagem antes de tudo é uma construção histórica e humana imersa na sociedade, de tal modo que só se adquire pela interação com outros. Então, de acordo com o autor, o aprendizado antecede ao desenvolvimento por meio das interações sociais:

[...] aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1991, p. 61).

A partir da compreensão da construção das funções superiores pela interação com a cultura, Vygotsky postula suas teorias a respeito do desenvolvimento do pensamento e da linguagem na Infância. Em outras palavras, Vygotsky compreende que o processo de aprendizagem possibilitado pelo contato com a cultura pode influenciar na maturação biológica e mesmo adiantá-la. Ao passo que sem a aprendizagem o desenvolvimento biológico não oferece elementos suficientes para aquisição da linguagem, ou seja, é por meio da aprendizagem que se dá na relação com outro que se desenvolve a linguagem, e sendo a linguagem meio pelo qual se interage com os humanos, assim também pensamento se constrói, conforme M. K. Oliveira explica:

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. (M. K. OLIVEIRA, 1993 , pg. 38)

No cerne dessas discussões está, na verdade, a discussão sobre as relações entre pensamento e linguagem, em que se busca compreender como estes dois aspectos se originam, se distinguem, se envolvem e convergem e como estão imbricados no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nessa perspectiva, as duas funções, pensamento e linguagem, se apresentam como importantes para o desenvolvimento e aprendizagem no âmbito da psicologia infantil. Conforme ressalta Bastos e Pereira (2003) sobre a linguagem:

Em Vygotsky (1989) a linguagem é constituidora do sujeito; Vygotsky interessava-se em conhecer a relação entre pensamento e linguagem, entendendo que ambos estão conectados e que evoluem dinamicamente com o desenvolvimento global dos humanos [...]. (BASTOS; PEREIRA, 2003, p. 7)

Ademais, sobre o pensamento, explica M. K. Oliveira:

O pensamento humano é uma das principais funções psicológicas superiores, é o pensamento que acompanha o ser humano e o faz —ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 42)

Nesse sentido, entendendo que a linguagem é o elemento que constitui as funções psicológicas e acompanha o pensamento, sendo a linguagem a forma mediadora mais complexa que os seres humanos utilizam para interagir e socializar, discorreremos no próximo capítulo sobre as relações entre linguagem e pensamento, objeto mais importante a ser pesquisado na Psicologia, segundo Vygotsky (2001).

3 CAPÍTULO II - RELAÇÕES ENTRE PENSAMENTO E LINGUAGEM

No presente capítulo vamos abordar as pesquisas da psicologia sócio-histórica sobre a origem e relações entre linguagem e pensamento, como sendo processos distintos nas raízes genéticas do desenvolvimento, mas que se encontram por meio da interação mediada pelos elementos simbólicos presentes na cultura. Para isso, iniciamos com o histórico das pesquisas sobre pensamento e linguagem e, por fim, abordamos a linguagem pré-intelectual, o pensamento pré-verbal e o pensamento verbal.

3.1 HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE PENSAMENTO E LINGUAGEM

Os seres humanos ao longo do tempo desenvolveram a linguagem atribuindo em cada região e cultura, símbolos e formas de expressar, fazendo a relação entre signos e objeto em si, isto é, dando nome às coisas, situações e ideias. Desta forma, a linguagem humana foi evoluindo à medida que o ser humano se desenvolveu culturalmente, o que permitiu organizar o pensamento humano, elaborar conceitos, se comunicar para sobreviver e criar vínculos, enfim, para também transmitir a própria cultura à posteridade. Conforme disserta Souza (2012, p. 4) sobre a linguagem: “Ela é constitutiva de si mesma, dos sujeitos que a utilizam, dos objetos de cultura dos quais ela fala, das interações entre os sujeitos”. Desta forma, a linguagem é o que possibilitou a transmissão da cultura e saberes, podendo ser sistematizados e recebidos pelas gerações futuras. Assim, a produção de conhecimentos depende dos sistemas simbólicos, ou seja, das diversas manifestações da linguagem, tanto para se conservarem no tempo, quanto para serem melhor expressados e organizados nas ações cotidianas do ser humano. Conforme Souza, a utilidade da linguagem se dá várias maneiras:

Ela é constitutiva de si mesma, dos sujeitos que a utilizam, dos objetos de cultura dos quais ela fala, das interações entre os sujeitos. Daí, damos à linguagem um caráter de utilidade, pois, com ela, elaboramos nossos pensamentos, explicamos o que vemos, expressamos os sentimentos, damos asas à imaginação. Pela linguagem, organizamos nossas informações, não de modo unilateral, mas conforme cada contexto. Por ela, interpretamos, reavaliamos e, quanto a nós mesmos, nos organizamos; quanto aos outros, conversamos, discutimos, concordamos, discordamos, perguntamos, explicamos, persuadimos. Afinal, comunicamo-nos uns com os outros. (SOUZA, 2012, p. 4)

Deste modo, a transmissão da cultura e perpetuação do conhecimento humano está ligado à linguagem, já que sendo a linguagem o meio pelo qual o homem tem acesso aos conhecimentos construídos, é pela linguagem que se partilha saberes e conhecimentos, e estes conhecimentos ao serem incorporados formam os seres humanos. Por isso, Bakhtin afirma que “não existe absolutamente nada na cultura além da palavra, que toda a cultura não é nada mais que um fenômeno da língua” (BAKHTIN, 1998, p. 45).

Por conseguinte, ao se deparar com a complexa relação entre cultura e apropriação de conhecimento pelo ser humano, diversos autores e estudiosos ao longo da história buscaram estudar a linguagem como importante para mediação deste processo, bem como procurou-se compreender o papel da interação na cultura por meio da linguagem e na construção da subjetividade humana. Nessa perspectiva, muitos estudiosos viram que a linguagem é um meio que conecta o homem à cultura e estabelece novas formas de pensar, comunicar e agir no meio cultural e natural à medida que o homem interage com o outro se constrói, o que faz a linguagem ter uma papel fundamental na construção do pensamento, ou seja, no psiquismo humano.

Por isso, as relações entre linguagem e pensamento sempre foram objeto de investigação de diversos pensadores ao longo do tempo e o objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento: história, filosofia, sociologia, biologia e psicologia. Portanto, no âmbito das pesquisas científicas trata-se de um tema recorrente nas ciências humanas a relação entre pensamento e linguagem como objeto mais importante a ser pesquisado na Psicologia, segundo Vygotsky (2001), e no qual todas as explicações a respeito de outros temas se subordinam.

O **aspecto cultural** da teoria envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefa que a criança em crescimento enfrenta, e os tipos de instrumento, tanto mentais como físicos, de que a criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefas. Um dos instrumentos básicos criados pela humanidade é a linguagem. Por isso, Vigotski deu ênfase, em toda sua obra, à linguagem e sua relação com o pensamento. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p. 108, grifo do autor)

Entretanto, apesar da relação entre pensamento e linguagem ser discutida há muito tempo em diversas áreas do conhecimento, ela se constituiu só recentemente como objeto da psicolinguística, disciplina que busca unir a psicologia e linguística

como um campo disciplinar e que conecta as duas áreas com o fim de explicar a aquisição da linguagem.

Em geral pode-se dizer que as diversas pesquisas de teóricos da psicologia, da filosofia e da biologia postulavam uma relação entre linguagem e pensamento, ora os entendendo como duas realidades, ora como totalmente separadas em todo o processo de desenvolvimento, conforme explica Vygotsky:

Se tentarmos historiar em termos breves os resultados dos trabalhos desenvolvidos com o tema pensamento e linguagem na psicologia científica, poderemos dizer que, dos períodos mais antigos até os nossos dias, a solução desse problema, proposta por diferentes estudiosos, sempre oscilou entre dois extremos: entre a plena identificação e a plena fusão do pensamento com a palavra, e entre a sua plena separação e dissociação igualmente metafísica e absoluta. (VYGOTSKY, 2001, pg. 2).

A perspectiva inatista, por exemplo, compreende que a linguagem é inata, isto é, está presente no aspecto biológico desde quando nascemos e se desenvolve a partir da maturação. Em outras palavras, entende que a criança já tem em si propensão à linguagem e irá desenvolvê-la à medida que cresce, sem ter muita necessidade da aprendizagem.

Por outro lado, as teorias ambientalistas ou behavioristas consideram como fundamentais para o processo de aquisição da linguagem os fatores externos que estimulam a criança a fim de que ela dê uma resposta, ou seja, entendem que a aquisição da linguagem só é possível por meio de estímulos induzidos pelo ambiente que, ligadas ao reforço positivo ou negativo, conduzem a criança à vocalização:

[...] a linguagem é reduzida a um conjunto de respostas verbais associadas a situações, de acordo com um esquema estímulo-resposta, característico do reflexo condicionado. Esse esquema explica a formação de certos hábitos verbais e a linguagem é definida como a soma dos hábitos verbais de um indivíduo. Nesse sentido, a criança aprende a linguagem por imitação e reforço, perspectiva na qual o fator principal da aquisição é a aprendizagem (entendida como treinamento), sendo a linguagem considerada como um comportamento dentre outros, sem especificidades particulares (SOARES, 2006, pg. 13)

Diante disso, o psicólogo russo propõe uma compreensão da linguagem e pensamento como importantes para o desenvolvimento das funções psicológicas, tendo em vista que a linguagem e o pensamento são duas realidades distintas no desenvolvimento, mas que estabelecem uma relação, já que para ele duas coisas iguais não podem ter relação, apenas coisas distintas, por isso, estabelece um

método que busca investigar o pensamento e a linguagem como metafisicamente diferentes, conforme ele disserta:

Se o pensamento e a linguagem coincidem, são a mesma coisa, não pode surgir nenhuma relação entre eles nem a questão pode constituir-se em objeto de estudo, uma vez que é impossível imaginar que a relação do objeto consigo mesmo possa ser objeto de investigação. Quem funde pensamento com linguagem fecha para si mesmo o caminho para abordar a relação entre eles e antecipa a impossibilidade de resolver a questão. Contorna a questão em vez de resolvê-la. À primeira vista, pode parecer que a teoria que mais se aproxima do campo oposto e desenvolve a ideia de que pensamento e linguagem são independentes entre si esteja em situação mais favorável no tocante às questões aqui debatidas. (VYGOTSKY, 2001, p. 3).

Assim, Vygotsky desenvolve uma pesquisa discutindo principalmente sobre a linguagem relacionada com os processos cognitivos, no processo de interiorização, nas relações entre linguagem externa e linguagem interna, e na relação entre sentido, que se refere a um contexto, e o significado, que se refere à aceção dada por um grupo cultural.

3.2 ORIGEM DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM

Para Vygotsky, o pensamento e a linguagem se constituem como dois elementos essenciais para o desenvolvimento humano, é por meio da interação entre eles que ocorre o desenvolvimento psíquico humano (M. K. OLIVEIRA, 1993). Assim, sobre o desenvolvimento humano, Vygotsky (1991, p. 24) afirma: “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.”

Para compreender melhor isto, analisaremos a investigação que o autor fez sobre investigar as origens do pensamento e da linguagem, que tem papel fundamental no desenvolvimento humano, nos níveis filogenético, ontogenético. Além desses dois níveis, Vygotsky também se dedicou aos estudos de outros dois campos genéticos do desenvolvimento: sociogênese e microgênese, que permitem acompanhar o processo de aquisição da linguagem em cada criança, individualmente.

No nível filogenético considera-se a espécie como um todo, entendendo-a como natural e que evoluiu biologicamente. O nível filogenético se refere, portanto, às características próprias da espécie. Uma característica filogenética, por exemplo,

que é tipicamente humana e universal é a inteligência prática e fala social, que todos os seres humanos possuem por natureza.

Vygotsky (2001) também investigou o pensamento e a linguagem no nível ontogenético, que se refere não ao que nasce com o indivíduo, mas que ocorre pelas transformações a que este se sujeita. Isto é, refere-se às características determinadas por diversas circunstâncias, no contexto de desenvolvimento individual de um ser da espécie em tudo que determinada espécie é capaz de desenvolver, ou seja, cada indivíduo se desenvolve de diferentes formas dentro do que é possível à espécie (M. K. OLIVEIRA, 1993).

Para compreender as raízes do pensamento e da linguagem no nível filogenético, Vygotsky (2001) apresenta algumas ideias a partir das teorias de Koehler e Yerkes, constatando que animais como o chimpanzé possuem comunicação bem mais elaborada que outros animais e mesmo semelhante em certos aspectos com a comunicação humana. Estes autores também constataram que esta comunicação é uma expressão interna, não se referindo a algo objetivo da realidade, conforme explica:

Leamed, colaboradora de Yerkes, compôs um dicionário de 32 elementos ou “vocábulos” que, foneticamente, não só lembram de perto elementos da fala humana como têm um certo significado por derivarem de determinadas situações ou objetos relacionados ao prazer ou ao desprazer, ou que inspirem desejo, ressentimento, medo, etc. (11, p. 54). Esses “vocábulos” foram registrados enquanto os macacos aguardavam alimento ou durante as refeições, na presença de humanos e quando dois chimpanzés estavam sozinhos. Trata-se de reações vocais afetivas mais ou menos diferenciadas, mais ou menos situadas numa relação reflexa com uma série de estímulos agrupados em torno da alimentação, etc. (VYGOTSKY, 2001, p. 126)

Portanto, nas espécies animais mais evoluídas em termos de linguagem, como os macacos e papagaios, existem formas comunicação, mas são comunicações inteiramente afetivas, não racionais, pois não se referem a um dado objetivo do meio, mas são expressão de necessidades interiores. Isto é, trata-se de uma comunicação desvinculada do intelecto, de tal modo que o conteúdo de determinadas expressões de linguagem tais como gestos, desenhos e palavras destes animais não possuem o caráter de símbolo, e são somente palavras aprendidas por imitação, conforme disserta M. K. Oliveira (1993):

Esse uso da linguagem é pré-intelectual no sentido de que ela não tem ainda função de signo. Isto é, funciona como meio de expressão

emocional e de comunicação difusa com os outros, mas não indica significados específicos, compreensíveis de forma precisa por um interlocutor que compartilhe de um sistema de signos. (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 45).

Nestas pesquisas, percebeu-se que os macacos antropóides possuem comunicação e são capazes de produzir sons, porém conclui-se que tem um intelecto parecido com o humano no que diz respeito ao uso de instrumentos e uma comunicação parecida com a humana. Todavia, o que faz com os chimpanzés não desenvolver a fala intelectual é exatamente a falta do uso de signos, conforme salienta Vygotsky (2001):

Os chimpanzés de Kohler brincavam com barro colorido, “pintando” primeiro com os lábios e a língua, e depois com pincéis de verdade; mas esses animais, que normalmente transferem para as brincadeiras o uso de instrumentos e outras formas de comportamento aprendidas “seriamente” (isto é, em experiências) e que, inversamente, transferem seu comportamento brincalhão para a “vida real”, nunca demonstraram a menor intenção de criar signos quando faziam os seus desenhos. “O quanto sabemos”, diz Bühler, “é absolutamente improvável que um chimpanzé tenha visto algum dia um sinal gráfico numa mancha” (13, p. 320). (VYGOTSKY, 2001, p. 117)

Deste modo, Vygotsky (2001) comparou a comunicação dos chimpanzés à comunicação das crianças bem pequenas, notando que a criança da mais tenra idade, até por volta dos seus dois anos, também possui esta etapa pré-intelectual da linguagem. Esta fase se dá quando a criança apenas consegue falar expressando emoções, imitando as palavras que falam ao seu redor, ela usa de gestos, choro, balbucios e palavras para comunicar suas necessidades de fome, sede, dentre outras. Esta linguagem infantil ainda não comporta a compreensão dos significados, mas se dá pela imitação, estímulos condicionantes e uso primitivo dos instrumentos, como também ocorre com animais mais evoluídos.

Portanto, a linguagem pré-intelectual existe nos animais e nas crianças pequenas, caracterizando-se pela comunicação a fim de expressar emoções e necessidade, ou seja, a fase pré-intelectual da linguagem ocorre para alívio emocional e função primitiva social:

No fundo, essa comunicação através de movimentos expressivos não merece sequer ser chamada de comunicação, devendo antes ser denominada contágio. Um ganso experiente, ao perceber o perigo e levantar com uma granada todo o bando, não só lhe comunica o que viu quanto o contagia com o seu susto. (VYGOTSKY, 2001, p. 11)

As pesquisas de Vygotsky (2001) constataram que a criança não somente tem uma fase pré intelectual da linguagem, mas também uma fase pré-verbal do pensamento, à semelhança dos animais. Assim, Vygotsky chama atenção para o fato de a linguagem e o pensamento não estarem unidos nos primeiros anos de vida da criança.

A fase pré verbal do pensamento se caracteriza pela utilização de instrumentos e a inteligência prática. Esta fase é caracterizada pela predominância da inteligência prática, de modo que em suas ações a criança se utiliza dos instrumentos sem contudo pensar de forma abstrata, é uma forma de inteligência que é independente da linguagem e se encontra em animais evoluídos como chimpanzés e também nas crianças pequenas.

Todavia, a linguagem e o pensamento humano se diferencia dos animais, pois a linguagem e o pensamento nos animais não se encontra, já os dois se cruzam no desenvolvimento humano. Pois nas espécies animais se tem comunicações afetivas, todavia não são racionais não se referem ao um dado objetivo do meio, ou seja, não desenvolvendo um pensamento mais elaborado que permite a construção de conhecimentos mediante signos como seres humanos (VYGOTSKY, 2001).

Segundo Vygotsky (2001), o pensamento e a linguagem são duas realidades distintas, com origem e portanto em todo o reino animal tem origem diferentes, todavia se cruzam no desenvolvimento humano:

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (VYGOTSKY, 1991, p. 20).

Esta união do pensamento e linguagem segundo a concepção de Vygotsky, como explicado no capítulo anterior, ocorre nas experiências sociais que constroem as funções psicológicas superiores e decorrem de um processo de interação que é mediada. O uso da linguagem, sendo também uma função psicológica superior, também não se dá diretamente com o mundo, mas pela mediação de signos, quando o ser humano se apropria dos elementos simbólicos e a linguagem é internalizada.

Todavia, para o autor, a linguagem não é só uma simples função psicológica ou simplesmente expressão do pensamento, mas o próprio pensamento é

construído pela linguagem, que é o principal sistema de signos. Deste modo, é o contato social com outros indivíduos que possibilita a união entre o pensamento e a linguagem nas crianças, e isto ocorre pela mediação. Como os homens interagem entre si de forma mediada por símbolos, estes símbolos comportam significados, aos poucos vai inserindo a criança no mundo social humano e ela então aprende e forma a si mesma e ao seu pensamento. Rego (1995) descreve assim este processo:

Inicialmente, sua atividade psicológica é bastante elementar e determinada por sua herança biológica. Vygotsky ressalta que os fatores biológicos têm preponderância sobre os sociais somente no início da vida da criança. Aos poucos as interações com seu grupo social e com os objetos de sua cultura passam a governar o comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento. (REGO, 1995, p. 59).

Portanto, na criança mais pequena o pensamento e a linguagem estão desvinculados em suas formas naturais ainda rudimentares, mas a linguagem e o pensamento vai se desenvolvendo pela interação social mediada, de tal forma que por volta dos dois anos de idade, a linguagem e o pensamento se cruzam, quando o ser humano se apropria da cultura mediante os signos e a criança forma o seu pensamento. Isto possibilita que a linguagem e o pensamento sendo dois elementos distintos se unam formando o aparato psicológico humano: “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (VYGOTSKY, 1991, p. 41).

Esta união entre linguagem e pensamento para Vygotsky não é inata, não tem como fator principal o processo evolutivo dos seres humanos que toda a espécie humana recebe quando nasce (filogênese), mas resulta principalmente do desenvolvimento do indivíduo na sociedade (ontogênese), conforme M. K. Oliveira:

Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam. (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 56).

Todavia, a evolução no nível filogenético que torna possível a união entre o pensamento e a linguagem é o fato de, no trabalho, atividade especificamente humana, ser necessário a comunicação entre os indivíduos. Deste modo houve um avanço genético e biológico que pertence a todos os indivíduos humanos, a forma

especificamente humana de uso de instrumentos, que não se encontra nos animais, portanto, o desenvolvimento geral da espécie humana é importante para as relações entre pensamento e linguagem:

Se incluirmos essa história das funções psicológicas superiores como um fator de desenvolvimento psicológico, certamente chegaremos a uma nova concepção sobre o próprio processo de desenvolvimento. Podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas. A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. (VYGOTSKY, 1991, p. 34)

Sem o desenvolvimento ontogenético, isto é, o que ocorre no contato com o grupos sociais, o nível filogenético não é capaz de tornar realidade o desenvolvimento intelectual da linguagem, mas só torna possível pela apropriação de símbolos, ou seja, quando internaliza a linguagem pelo convívio social. Nessa perspectiva, o que permite ao homem alcançar um salto no desenvolvimento acima dos animais é o uso de instrumentos especificamente humanos, aliados ao uso de signos. Segundo M. K. Oliveira:

A associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho, atividade especificamente humana. O trabalho é uma atividade que exige, por um lado, a utilização de instrumentos para a transformação da natureza e, por outro lado, o planejamento, a ação coletiva e, portanto, a comunicação social. Para agir coletivamente e de formas cada vez mais sofisticadas, o grupo humano teve de criar um sistema de comunicação que permitisse troca de informações específicas, e ação no mundo com base em significados compartilhados pelos vários indivíduos empenhados no projeto coletivo. (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 45).

É através da interação no trabalho que, mediante uso de instrumentos, o ser humano entra em contato com a cultura, ao se comunicar com os outros indivíduos mediante a linguagem, internaliza as formas sociais de comportamento construindo, a partir disso, o pensamento. Portanto, este processo primeiramente ocorre na esfera social que é externa ao indivíduo, ao passo que o seres humanos internalizam e apropriam daquilo que foi comunicado no processo de interação com outras pessoas, se internaliza os conhecimentos. Esta união entre pensamento e

linguagem significa um salto na evolução humana que é propriamente um salto qualitativo entre a psicologia animal e humana (NÓBREGA, 2004).

Conforme Vygotsky (2001), o pensamento e a linguagem são duas realidades distintas e portanto em todo o reino animal tem origem diferentes. Nos animais o pensamento e a linguagem não se relacionam, mas no ser humano estes elementos se unem e se entrelaçam, sem contudo se confundirem, permanecendo como fenômenos distintos. Esta união é, segundo os autores da psicologia sociohistórica, o grande marco do desenvolvimento humano, e este avanço se dá quando o pensamento se torna verbal e a linguagem um sistema de signos (M. K. OLIVEIRA, 1993).

3.3 A MEDIAÇÃO SIMBÓLICA NO PROCESSO DE ASSOCIAÇÃO ENTRE PENSAMENTO E LINGUAGEM

A associação entre pensamento e linguagem ocorre quando há a necessidade de interação social entre os indivíduos no trabalho dessa relação surge a forma de pensamento humano complexo, tal como conhecemos. Esta relação complexa entre pensamento e linguagem é, segundo Vygotsky (2001), na verdade a relação entre pensamento e palavra, é quando pensamento se torna verbal e linguagem intelectual:

O trabalho, determinando o desenvolvimento da linguagem, o uso da palavra, descortinou as possibilidades para a formação da imagem significada, para a construção de representações mentais sob a forma de conceitos e, igualmente, para a instituição de um tipo especial de reflexo consciente da realidade, ou seja, descortinou as possibilidades para o desenvolvimento do pensamento. Eis, pois, o fundamento da atividade consciente e da própria consciência como sistema de significados e conceitos linguísticos elaborados histórico-socialmente (MARTINS, 2011, p.152).

Esse processo de internalização ocorre quando o pensamento verbal passa a predominar na psicologia humana, quando todo pensamento é marcado pela linguagem. M. K. Oliveira (1993) comenta que, segundo Vygotsky, é a inserção num grupo cultural que conduz a criança ao pensamento verbal e à linguagem racional. “A interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal” (M. K. OLIVEIRA, 1993, p. 47).

Deste modo, segundo M. K. Oliveira (1993), o pensamento é construído mediante o contato com os sistemas simbólicos da língua materna de tal modo que o funcionamento se torna mais aprimorado a partir do momento que surge o pensamento verbal, porque em contato com o elementos culturais o ser humano constrói as suas ideias acerca do mundo a partir dos elementos oferecidos pelo meio social. Como já dito, em torno dos dois anos de idade o pensamento e a linguagem se cruzam em uma síntese dialética.

Neste processo, a linguagem também torna-se intelectual ao estar unida ao pensamento e não mais ser expressão somente de necessidades, mas um instrumento do pensamento, capaz de comunicar ideias e planejar ações (VYGOTSKY, 2001).

Vygotsky (2002) considera que a fala é a principal dimensão da linguagem que a criança se apropria e que esta é a mais presente desde o início do desenvolvimento infantil, de tal modo que a oralidade é o primordial para a constituição das funções psicológicas superiores. Ou seja, esta fala vai se interiorizando, de tal modo que a linguagem apropriada pela criança faz desenvolver o pensamento discursivo, como argumentam Corrêa e Bortolanza (2018):

O pensamento e a palavra estabelecem uma relação complexa, em que a linguagem externa não representa ou traduz o pensamento simplesmente. Trata-se de um processo de desenvolvimento em que o pensamento se reestrutura na palavra escrita ou falada. (CORREA, BORTOLANZA, 2018, p. 110)

O desenvolvimento da linguagem se dá em três momentos que Vygotsky (2002) chama de fala social, egocêntrica e fala interior. São funções tanto interna quanto externa que se desenvolvem no decorrer do processo de união entre pensamento e linguagem, de tal forma que a criança ao adquirir a linguagem que está imersa na sociedade, internaliza os elementos culturais, até que a linguagem, sem perder seu caráter externo, é interiorizada e se torna instrumento do pensamento, ou seja, torna-se linguagem interior, pensamento discursivo.

Assim explica Vygotsky sobre a fala social:

Consideramos que o desenvolvimento total segue a seguinte evolução: a função primordial da linguagem, tanto nas crianças como nos adultos, é a comunicação, o contato social. Por conseguinte, a fala mais primitiva das crianças é uma fala essencialmente social. De início, é global e multifuncional; mais tarde as suas funções tornam-se diferenciadas. (VYGOTSKY, 2002, p. 21)

Nesse sentido, de acordo com Souza e Andrada (2013, p. 358) a fala social “[...] inicialmente, exerce a função de comunicação entre a criança e o meio e, nesse processo, vai construindo as condições para que se transforme em fala interna, quando exercerá a função de organizar o pensamento.”

Já a fala egocêntrica é, segundo Rego (1995):

[...] um tipo de fala intermediária que funciona como uma espécie de transição entre o discurso socializado e o interior. A característica principal dessa fala é que ela acompanha a ação e se dirige ao próprio sujeito da ação. Nesse estágio a criança fala alto mas não se dirige a nenhum interlocutor, dialoga consigo mesma. Também serve para planejar e solucionar um problema, só que é como se planejasse em voz alta, antes ou ao longo da realização da atividade (por exemplo: "Como posso pegar aquele brigadeiro que está tão longe? Ah ... já sei! Vou subir na mesa ". (REGO, 1995, p. 67).

Segundo Vygotsky (2002, p. 22).“O discurso egocêntrico emerge quando a criança transfere as formas sociais cooperativas de comportamento para a esfera das funções psíquicas pessoais internas.” Ou seja é uma fase entre o discurso social e o interior, em que o planejamento e solução de problemas é primeiro voltado para os adultos, depois a criança organiza a sua ação por si mesma em voz alta, para que depois ao ter o grande salto no desenvolvimento, que é a fala interior, quando, conforme afirma Rego (1995, p. 66), a “fala passa a preceder a ação e funcionar como auxílio de um plano já concebido mas ainda não executado”.

Este salto no desenvolvimento da fala ocorre quando o processo de união da fala e do uso de instrumento se aprimora, acompanhada pelo construção do pensamento, é que aos poucos a fala sendo interiorizada até que a solução de problemas e o planejamento que acompanhará a ação passa a predominar não mais no momento da ação, mas mesmo antes, quando a fala interioriza e criança, portanto passa a pensar em situações mesmo que não estejam presentes ou que acontecerão no futuro, desenvolvendo deste modo a função planejadora da fala. Esta função é o que influencia e molda a ação do sujeito, é o que faz com que se antecipe situações e mesmo se imagine realidades que não estão presentes (VYGOTSKY, 1991).

Deste modo, segundo Vygotsky (1991) ao passo que a criança vai lidando com novos problemas e sem necessitar de instrumentos, a criança usa a fala para planejar e após isso vai interiorizando a fala sem precisar tanto do auxílio dos instrumentos na resolução de problemas, pois ao ir interiorizando a fala, o

planejamento da criança se torna anterior mesmo à ação, aqui se dá a chamada fala interior. Assim explica:

Podemos agora voltar a debruçar-nos sobre a definição do discurso interior que propusemos antes de iniciarmos a nossa análise. O discurso interior não é o aspecto interior do discurso externo – é uma função em si próprio. Continua a ser discurso, isto é, pensamento ligado por palavras. Mas enquanto o pensamento externo se encontra encarnado em palavras, no discurso interior é, em grande medida, um pensamento feito de significados puros. É uma coisa dinâmica, instável, e derivante, que flutua entre a palavra e o pensamento, os dois componentes mais ou menos estáveis, mais ou menos solidamente delineados do pensamento verbal. (VYGOTSKY, 2002, p. 126).

Por conseguinte, é através da linguagem social que se desenvolve a fala interiormente e individualmente, ou seja, é nesse processo de internalização da fala, imersa na cultura, que surge o pensamento verbal, que é "um discurso sem vocalização, voltado para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas." (OLIVEIRA, 1993, p. 51). E segundo Vygotsky (2001) as relações que ocorrem entre pensamento e linguagem não podem ser apreendidas sem a compreensão da natureza psicológica desta fala interior.

Nesse sentido, para Souza e Andrada (2013):

O autor aponta que neste momento em que ocorre o estabelecimento de um nexos entre estas duas funções há um grande salto no desenvolvimento do sujeito. A partir deste salto advindo do desenvolvimento da fala, a criança pode explorar a relação entre signo e significado. A palavra, que era inicialmente para a criança uma propriedade externa do objeto, passa a ter um significado simbólico, que o autor denomina de função simbólica da fala. Essa conquista abre portas para a criança se apropriar de uma gama maior de experiências circundantes em sua realidade. (SOUZA; ANDRADA, 2013, p. 358).

Ou seja, os significados têm grande impacto para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, de tal forma que assim explica Vygotsky:

Foi Stern quem pela primeira vez e da melhor forma nos deu uma descrição deste momento do acontecimento. Ele mostrou como a vontade de dominar a linguagem se segue à primeira compreensão difusa dos propósitos desta, quando a criança "faz a maior descoberta da sua vida", a de que "todas as coisas têm um nome" (VYGOTSKY, 2002, p. 40)

Desse modo, o surgimento da fala interior está estreitamente relacionado à compreensão dos significados pela criança, quando ela realmente começa a refletir sobre o mundo ao seu redor e planejar sua ação no mundo. Sendo assim: São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo

real, constituindo-se no “ filtro” através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele”, conforme M. K. Oliveira (1993, p. 48).

Nessa perspectiva, segundo M. K. Oliveira (1993, p. 48) “no significado se encontra a unidade de duas funções da linguagem: intercâmbio social e pensamento generalizante”. Nesse sentido, a linguagem possibilita a interação de conhecimentos, sendo a linguagem um meio de comunicação que o ser humano utiliza para transmitir o conhecimento. Os seres humanos criam palavras para designar objetos, ideias e situações. Por exemplo, em Portugal o aparelho usado para comunicação e que pode ser facilmente utilizado, é chamado de telemóvel, todavia, no Brasil, que é também uma país lusófono, este aparelho recebe o nome de celular, ou seja, cada grupo cultural ao longo do tempo, cria palavras no processo histórico e social que representam determinada realidade do mundo concreto.

Desta função da linguagem surge outra que é o pensamento generalizante, que acontece quando a criança agrupa ideias, eventos e situações, objetos em uma categoria, ou seja a criança passa a generalizar. Trata-se, segundo M. K. Oliveira (1993, p.30), dos sentidos que se constituem como “significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo”

Deste modo, ao passo que a criança vai se apropriando das palavras, ela vai também formando sentidos aos quais permite tanto que ela se comunique com os indivíduos na sociedade, tanto que torna possível a compreensão dos elementos socioculturais. Nisso se dá a função generalizante da linguagem que surge na união do pensamento e da linguagem, que anteriormente só tinha a função de expressar emoções e necessidades, agora tem uma função intelectual:

O significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno intelectual e verbal: é intelectual enquanto verbal, e é verbal enquanto intelectual. É um fenômeno da linguagem enquanto a linguagem é ligada ao pensamento, e é um fenômeno do pensamento enquanto o pensamento é ligado com a linguagem. Portanto, a linguagem é unidade global de palavra e de pensamento (mysl'). (PONZIO, 2016, p. 1554).

Para Vygotsky (2002) o ser humano é naturalmente capaz de emitir sons, todavia a palavra sem significados é um som morto, o que faz a linguagem não são somente os sons, mas os significados que são construídos ao longo da história humana, que ao serem internalizados pelos indivíduos recebem uma nova

compreensão. Ou seja, os signos são subjetivados pelos indivíduos e os indivíduos transformam esses significados em discurso externo.

Para ele, deste modo, a relação entre pensamento e linguagem deve ser vista como um processo vivo, pois o pensamento surge a partir das palavras e as palavras são internalizadas constituindo o pensamento verbal e consciente. Este processo portanto é dialético:

Trata-se, agora, de reconhecer, segundo Vigotski, uma vez reconhecido no significado o fenômeno que une palavra e pensamento, que o significado é caracterizado pela mudança e pelo desenvolvimento. A relação entre o pensamento e a palavra é um processo, um movimento de um ao outro e vice-versa, e é um processo de desenvolvimento. O próprio processo do pensamento (mysl'enie), do pensamento (mysl') à palavra, do pensamento que não se exprime na palavra, mas que nela se realiza, é desenvolvimento. A função que o pensamento (mysl') desempenha, o trabalho que ele realiza, a solução que ele propõe se efetuam como movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento. (PONZIO, 2016, p. 1554)

De modo que para Vygotsky (2001) a linguagem passa a organizar o pensamento, ou seja, a linguagem não somente trata-se de comunicação, mas é também um instrumento necessário para o pensamento racional. Assim, a apropriação das palavras para Vygotsky é o meio mais importante no desenvolvimento e formação dos processos cognitivos e da consciência humana. No processo de interação e intercâmbio, pela linguagem, entre os indivíduos, se tornam necessários os sistemas simbólicos, estes símbolos contêm a cultura e ideias e conhecimentos construídos pela humanidade. Ao entrar em contato com os símbolos, o homem molda o seu próprio pensamento, daqui nasce do processo social o processo individual, subjetivo, conforme ressaltam Corrêa e Bortolanza (2018):

Consideramos, portanto, que a linguagem realizada nos contextos sociais é utilizada pela criança como meio para se relacionar com as pessoas e, posteriormente, passa a funcionar como atividade individual para controlar seu comportamento e realizar sua atividade de fala (oral, escrita) por meio da apropriação dos significados e sentidos culturais. (CORRÊA; BORTOLANZA, 2018, p. 108).

Para Vygotsky (2001), portanto, o pensamento verbal não é inato, não se encontra nas formas naturais de pensamento e por isso não se desenvolve exclusivamente pelo determinismo biológico, mas se dá sobretudo pela inserção social, na cultura. Conforme M. K. Oliveira (1993, p. 45) “O surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial

no desenvolvimento da espécie humana, momento em que o biológico transforma-se no sócio-histórico.”

O desenvolvimento do pensamento humano para Vygotsky (2002, p. 22) ocorre da seguinte forma: “Segundo a nossa concepção, o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Ou seja, esse processo de desenvolvimento humano se dá, portanto, da esfera social para a esfera individual, deste modo, a linguagem e o pensamento se constroem no processo de construção geral da subjetividade, de tal forma que a linguagem primeiro é apreendida pelo contato social para depois somente ser interiorizada, assim como o pensamento também é primeiramente desenvolvido enquanto inteligência prática, baseada no uso de instrumentos, se aprimora e torna-se também intelecto abstrato.

Para consolidar e dominar autonomamente as atividades e operações culturais, a criança necessita da mediação do outro. O mero contato da criança com os objetos de conhecimento ou mesmo sua imersão em ambientes informadores e estimuladores não garante a aprendizagem nem promove necessariamente o desenvolvimento, uma vez que ela não tem, como indivíduo, instrumentos para organizar ou recriar sozinha o processo cultural (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 65).

Portanto, ao mesmo tempo que a linguagem viabiliza o contato social ela também é o que constitui o pensamento humano. Ou seja, os signos atuam como elementos mediadores entre psicológico e o social que, mais tarde, existem no ser humano dialeticamente, ocorre a todo momento em uma relação de vir e ir, ou seja, apropriada do conhecimento na inteligência por meio da linguagem e por meio da linguagem produz conhecimento na sociedade.

Vygotsky entende que o ser humano não é somente natural mas social, por conseguinte se compreende a partir dos estudos de Vygotsky que a linguagem e o pensamento humano são resultados de um processo cultural e não de um desenvolvimento natural e universal da espécie humana.

A interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal. , o pensamento verbal - síntese entre a atividade prática e a fala - é uma forma de comportamento que se circunscreve num processo histórico-cultural e suas características e propriedades não podem ser vislumbradas nas formas naturais da fala e do pensamento. (RATIER; MONROE, 2011, p. 4).

Por fim, o pensamento e a linguagem se cruzam de tal modo que o pensamento verbal e linguagem intelectual em todo o reino animal só existe entre humanos, o

que faz com que o ser humano seja considerado um animal social e racional. Assim, a realização do processo dinâmico e complexo da psicologia humana se concretiza pela internalização da linguagem pelos indivíduos que ocorre através da interação com o meio sociocultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou que o desenvolvimento psicológico humano se dá pela união entre pensamento e linguagem, que estas duas funções sempre foram discutidas no passado como duas realidades unas ou totalmente distintas. Contudo, a partir do estudo realizado, compreende-se a linguagem e o pensamento como duas realidades distintas, mas que se unem no indivíduo pela interação humana mediada por elementos simbólicos.

Na história dos estudos sobre a linguagem sempre se buscou estudar a linguagem como expressão do pensamento, como algo que surge internamente e se expressa exteriormente, mas de acordo com os estudos da Psicologia histórico-social apresentadas, é possível concluir que o pensamento pelo contrário se constrói a partir das assimilação dos signos externos, da fala social que é internalizada pelo acúmulo de significados e forma o pensamento humano.

Segundo o psicólogo russo, o pensamento e a linguagem possuem, tanto na filogênese quanto na ontogênese, raízes genéticas distintas, mas que se sintetizam dialeticamente no desenvolvimento. Vygotsky (2001) também explica que no nível filogenético a união do pensamento e da linguagem foi impulsionada e aprimorada na evolução biológica do ser humano pela necessidade de comunicação dos indivíduos no trabalho. No nível ontogenético, por sua vez, foi impulsionada pela vivência em um grupo social e cultural que exige a comunicação do indivíduo para se inserir na comunidade a que pertence.

Conclui-se que quanto mais a criança se insere na cultura mais ela tem contato com diversos elementos simbólicos, por meio da linguagem falada e escrita, assim ela se forma humanamente, acumulando conhecimentos, à medida que interage com outros seres humanos. Portanto, diante da pesquisa realizada, foi possível refletir e analisar sobre como as crianças se aprofundam na cultura a partir da mediação simbólica, em que incorporam os símbolos construídos socialmente e deste modo constroem-se interiormente e constroem o próprio pensamento acerca do mundo.

Este pensamento passa a ser verbal e a planejar a ação da criança, ou seja, permitindo a comunicação e o planejamento de suas ações, de tal forma que ao ser transformado pela interação social o indivíduo também transforma a sociedade. Nessa perspectiva, a interação social e o desenvolvimento do pensamento e da

linguagem não se dá somente de fora para dentro, mas também ao se apropriar da cultura o ser humano se constrói e constrói a sociedade em cada interação.

Como afirma Moura (2007, p. 39), “ser sujeito na cultura em que foi inserido implica em poder se apoderar dos instrumentos simbólicos dessa cultura para com eles atuar, criar e intervir na sociedade [...]”. Assim, a partir dos estudos de Vygotsky e seus comentadores é possível afirmar que a associação entre pensamento e linguagem se dá na necessidade de intercâmbio de conhecimento, ou seja, interação social e cultural, durante o trabalho, que caracteriza toda ação do homem no mundo real.

Por fim, esta pesquisa foi realizada consistindo na produção de conhecimentos resultado dos aprendizados adquiridos ao longo do curso de Pedagogia. E proporcionou relevante reflexão para desenvolvimento intelectual e profissional no que diz respeito à compreensão da criança, assim como do processo de ensino e aprendizagem. Quanto à criança, o estudo focado na análise das obras de um autor de grande importância para psicologia infantil, Lev S. Vygotsky, que é amplamente estudado nos cursos de licenciatura, foi essencial para o enriquecimento da formação como pedagoga, pois possibilitou a construção de conhecimentos e reflexões sobre a necessidade que tem a criança do contato social mediante o uso de signos para a construção do pensamento e da linguagem. Ademais, sendo o curso de Pedagogia voltado para profissão docente, foi possível compreender que a escola, espaço cultural, propicia a apropriação dos significados socialmente construídos, de tal modo que é um ambiente que contribui para o desenvolvimento linguístico e psíquico do ser humano. Sendo um local de contínuo convívio com crianças e adultos, a escola possibilita a alteridade, que é, segundo Bakhtin (1979), o que constitui a linguagem e o pensamento dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália. et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 16 ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2012.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. (1979) **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASTOS, Ivanilda Maria e Silva ; PEREIRA, Sonia Regina. **A contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do Desenvolvimento**. Linhas (UDESC) , v. 4, p. 85-104, 2003.

BOCK, Ana; B. FURTADO; Odair; TEIXEIRA, M. de L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

CORREA, A. B. BORTOLANZA, A. M. E. ou ESTEVES, Ana Maria. **Desenvolvimento humano e o papel do Signo na constituição da linguagem verbal, da fala e da consciência humana: Pressupostos de Vigotski, Leontiev e Luria**. EUTOMIA , v. 1, p. 97-119, 2018.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997

JOENK, Inhelora Kretschmar. **Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky**. Rio do Sul (SC): UDESC/UNIDAVI, 2007. Disponível em: . Acesso em: 24. ago. 2022.

LA TAILLE, Yves et alii. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992

LURIA, A. R. **A Construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2011, Tese (Livre Docência). Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, Bauru, 2011.

MOURA, M. O. de. **Matemática na infância**. In: EDIÇÕES GAILIVRO (Org.) Educação matemática na infância. Abordagens e desafios. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007. p. 39-64

NÓBREGA, E. V. B. **Vygotsky e Piaget: uma visão paralela**. Graphos (João Pessoa), João Pessoa - PB, v. 6, p. 225-231, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993. OUTING, Steve.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

PONZIO, Augusto. **Pensamento e Palavra em Lev S. Vigotski. Tradução:** de Pensiero e Parola in Lev S. Vygotskij, por Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Giorgia Brazzarola. **Fórum Linguístico.** Florianópolis, v.13 , n.4 , p. 1550-1558, out./dez. 2016.

RATIER, Rodrigo; MONROE, Camila. **Vygotsky e o conceito de pensamento verbal.** Nova Escola, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/244/vygotsky-conceito-pensamento-verbal>. Acesso: Dezembro de 2022

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSSLER, J. H. . **O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller.** Cadernos Cedes A Psicologia de A N Leontiev e a Educação na Sociedade Conte, Campinas - São Paulo, v. 24, n.62, p. 100-116, 2004.

SILVEIRA, N. L. D. da. **Psicologia Educacional: desenvolvimento e aprendizagem.** 37. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/.Biologia/EaD/UFSC, 2014. v. 1. 206p.

SOARES, Maria Vilani. **Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens.** Espiral (São Paulo) , v. 28, p. 01, 2006.

SOUZA, Agostinho Potenciano de. **Todas as áreas se dizem pela linguagem: práticas pedagógicas necessárias.** Inter-ação, Revista da Faculdade de Educação, UFG, Goiânia, v.37, n.1, jan./jun. 2012.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo.** Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso) , v. 30, p. 355-365, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **Obras escogidas.** Tomo III. 2.ed. Madrid: Visor, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem.** Lisboa: Ridendo Castigat Mores, 2002.